

ANTECIPAÇÃO MAL DAS LAVOURAS DE BANANA AINDA NÃO CHEGOU AO ESTADO, MAS INCAPER JÁ PREPARA LINHA DE AÇÃO PARA EVITAR PERDAS

Estado produz bananas resistentes à sigatoka-negra

Técnicos desenvolvem variedades resistentes à doença do bananal

RITA BRIDI

O Espírito Santo saiu na frente dos demais Estados brasileiros na guerra contra a sigatoka-negra, uma doença que afeta as lavouras de banana e reduz consideravelmente a produtividade. Os técnicos do Incaper desenvolveram em laboratório variedades resistentes à doença. Duas delas serão lançadas em março do próximo ano e poderão ser utilizadas por produtores de todo o país.

Segundo o fitopatologista José Aires Ventura, as duas variedades são do tipo prata e resistentes à sigatoka-negra, à sigatoka-amarela e ao mal do Panamá. A expectativa do Incaper é a produção de 65 mil mudas em 2005 e de



DESENVOLVIMENTO. O Incaper já desenvolveu mudas de duas variedades de banana e outras duas estão em fase de testes. FOTO: DIVULGAÇÃO

CONHEÇA A DOENÇA

■ **Fungo.** A sigatoka-negra, causada pelo fungo *Mycosphaerella fijiensis*, é uma doença que infecta as folhas da bananeira e compromete toda a lavoura.

■ **Origem.** A doença é originária do continente asiático, onde foi constatada desde 1985. Da Ásia, foi disseminada para toda a América Central.

■ **Como chegou.** Em 1988 chegou ao Brasil pela Amazônia e começou a se espalhar por toda a região. Em 2002 foram encontrados focos da doença nos estados do Mato Grosso e Pará.

■ **Disseminação.** Em 2004 a doença chegou ao Estado de São Paulo. Depois disso, o mal já se espalhou para os Estados de Santa Catarina, Paraná e Minas Gerais.

■ **Como se espalha.** O transporte das frutas, mudas e também partes da bananeira são, juntamente com fatores climáticos como o vento e a chuva, os principais meios de disseminação do mal.

■ **Sintomas.** Os sintomas característicos são: a descoloração em forma de

de 65 mil mudas em 2005 e de 300 mil mudas em dois anos. No terceiro ano serão 2,8 milhões de mudas.

Embora a sigatoka-negra ainda não tenha sido constatada nas lavouras do Espírito Santo, a doença certamente chegará ao Estado. E para que os produtores não tenham seus bananais dizimados, a estratégia é produzir mudas resistentes para que seja feita a substituição gradativa das plantas.

Espécie. As duas variedades que serão lançadas no próximo ano são do tipo prata, que é a banana mais produzida no Estado. Cerca de 80% da produção capixaba é de banana prata, variedades suscetíveis à sigatoka-negra.

A bananicultura é uma atividade de grande importância social e econômica para o Espírito Santo. A área cultivada é de 20.979 hectares e a ativida-

de é responsável pela geração de mais de 10 mil empregos, em sua maioria de agricultores de base familiar. No mês de março deste ano, a produção foi de 158 mil toneladas.

Como o mal não atinge humanos, apenas a planta, o consumidor não precisa se preocupar na hora da compra do produto.

Processo. As pesquisas no Espírito Santo foram iniciadas em 1986, logo depois que a doença chegou ao Brasil. Os pesquisadores começaram a trabalhar com 28 genótipos e selecionaram as quatro melhores variedades. Duas delas – os nomes ainda estão sendo escolhidos – serão lançadas no próximo ano.

As outras duas ainda estão na fase final de testes. Uma é a FHIA-01, tipo nanicao, que não é produzida no Brasil. É

plantada principalmente na Austrália. A outra, FHIA-21, variedade tipo terra, está sendo testada em Biriricas, Domingos Martins e o Incaper já dispõe de mudas.

A outra variedade, YB42-21, tipo maçã é resistente ao mal do Panamá. O Incaper já pode disponibilizar mudas.

O Incaper, lembrou Aires, não terá condições de atender a todos os produtores com as mudas resistentes à sigatoka-negra. Mas, os produtores poderão se organizar em associações e montar parcerias com as prefeituras de todo o Estado para a instalação de unidades de reprodução das mudas.

Amanhã será realizado, em Guarapari, o Encontro Regional de Produtores de Banana, para debater vários temas relacionados à atividade. E uma das discussões é justamente o controle da sigatoka-negra.



Serviço

■ *Evento: Encontro Regional de Produtores de Banana*

■ *Data: 15 de dezembro*

■ *Local: Sesc de Guarapari*

■ *Horário: Das 9 às 12h*

■ *Temas: O Agronegócio Banana no Espírito Santo; Sigatoka-Negra - Desafios para o Manejo da Doença; Legislação Fitossanitária para a atividade da Banana no Espírito Santo*

coloração em forma de pontos ou estrias na cor "café" entre e ao longo das folhas; estrias pretas, observadas somente na face superior da folha; lesões negras na em cima da folha contrastando com a marrom na face inferior.

■ Produtores no Estado.

Principais produtores de banana no Espírito Santo: Iconha

Alfredo Chaves

Guarapari

Domingos Martins

Santa Leopoldina

Linhares

Anchieta

Mimoso do Sul

Rio Novo do Sul

Vargem Alta

Cariacica

Viana

Itaguaçu

Biotecnologia cria “escudo genético” contra doença

Tecnologia desenvolvida no Estado torna espécies imunes e será repassada a produtores de mudas

NILO TARDIN

COLATINA. A biotecnologia foi a saída encontrada para criar um escudo genético no combate à ameaça de invasão da sigatoka-negra, fungo que poderia devastar os bananais capixabas já “ilhados” pelo mal identificado em Santa Catarina, São Paulo e Minas Gerais.

A doença ainda não chegou ao Espírito Santo. Porém a infestação é considerada certa pelas autoridades sanitárias e órgãos de Governo. O desafio de renovar toda lavoura de banana nos próximos quatro anos abriu um promissor mercado de comercialização de mudas selecionadas e de alta produção.

Todo domínio da tecnologia que será repassada aos viveiristas, não teria avanço se não existisse a persistência dos pesquisadores capixabas. Através da sofisticada técnica de multiplicação “in vitro”, conseguiram produzir plantas resistentes à sigatoka e outras doenças como mal do Panamá.

Além de apresentar uma solução capixaba na prevenção do problema, o secretário Es-

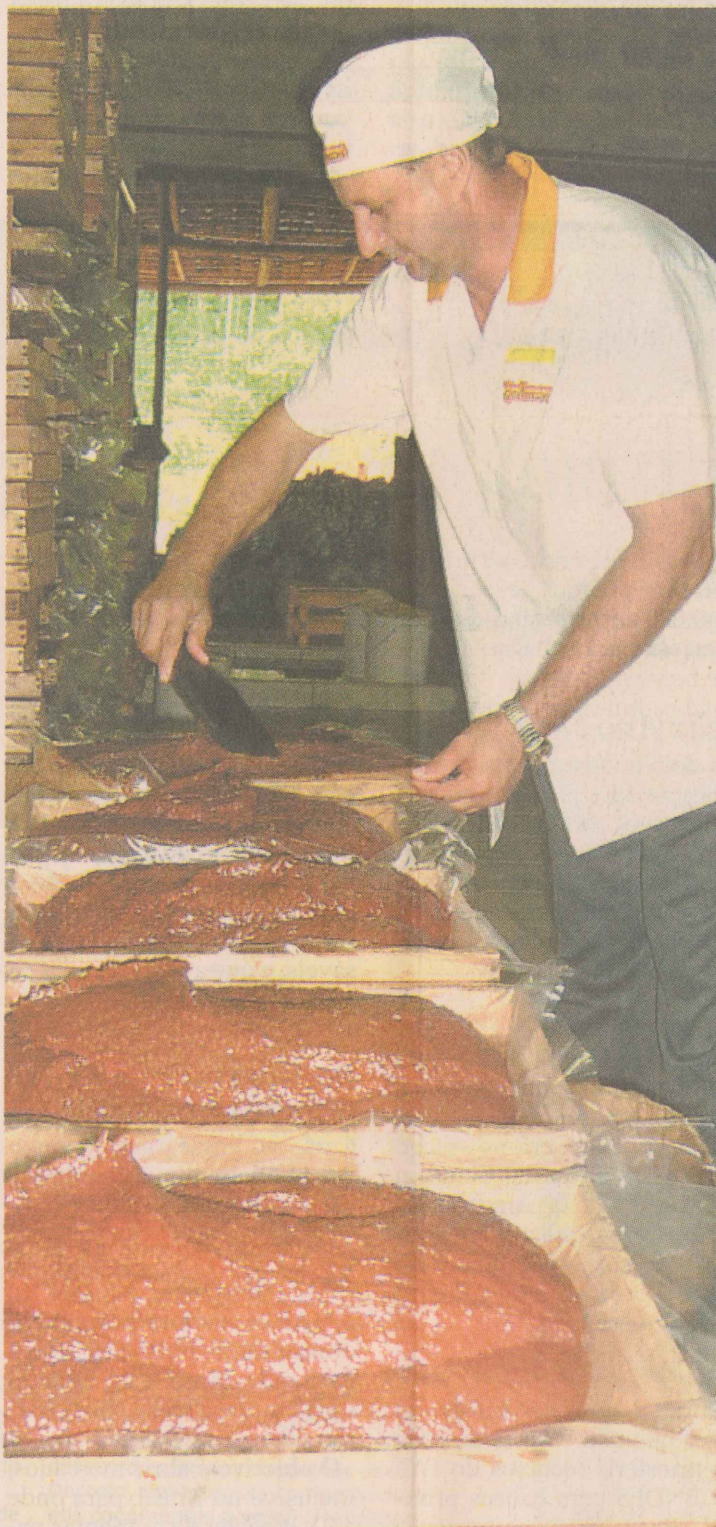
tadual de Agricultura Ricardo Ferrazo anunciou a abertura de licitação nacional no valor de cerca de R\$ 200 mil para contratar laboratórios a fim de criar os clones certificados de bananeiras para reprodução nas fazendas experimentais do Governo.

“Não vamos ficar de braços cruzados esperando o pelo problema. A situação exige cuidado. As providências visam reduzir eventuais prejuízos”, disse Ferrazo.

A maioria dos cultivos de banana da Região Norte são tocados em pequenas áreas por agricultores familiares destinados ao consumo natural e fabricação de doces. Assim mesmo, a fruta ocupa 3,5 mil hectares nos dez municípios de atuação do Escritório Regional de Colatina do Incaper. Pancas lidera com 2 mil hectares, seguido de Santa Teresa com 330.

O agrônomo Gerson Tavares da Motta, chefe da Regional do Incaper de Colatina considera “inevitável” a entrada da sigatoka devido à facilidade de propagação. Segundo ele, o uso de venenos agrícolas é antieconômico.

“Os produtores estão aprensivos. Ao menor sinal da doença, nossos técnicos deverão ser acionados”, avisa Gerson. A praga age tal qual um “vampiro”, infectando as folhas das bananeiras.



ESTÍMULO. A produção de doces artesanais é um dos principais estímulos ao plantio no Norte do Estado. FOTO: NILO TARDIN

Indústria de doces estimula o plantio de bananais no Norte

Ampliação de fábrica de balas garante a compra da produção de plantações locais

NILO TARDIN

COLATINA. A banana prata ou nanica descascada e cozida com açúcar são os ingredientes básicos da receita artesanal que encanta gerações pela sua simplicidade: a simpática mariola. A compra de uma carga aproximada de 150 toneladas mensais de bananas faz da fábrica de balas e mariolas Bellumat, o maior estímulo ao crescimento das áreas plantadas da fruta em Colatina.

Há sete anos na disputa do mercado capixaba, a Bellumat investe agora na fabricação da mariola light processada apenas com o açúcar natural da banana. Com 30 empregados, a empresa passa por um processo de reestruturação.

Modernização. Novos associados se preparam para investir na modernização da empresa, sem mexer produção artesanal. Marcelo Bellumat, 43 anos, que começou a fabricar os doces no fundo de quintal de sua casa, expandiu a empresa contando com o aumento da produção dos

bananais no Norte.

Atualmente são processadas barras de quatro quilos, embalagens de 500, 200 e 1 kg de fatiadas, além das balas açucaradas. A reforma das instalações está sendo estudada para que a indústria aproveite também as safras de manga e coco. Por mês são fabricados cerca de 20 mil quilos de doces distribuídos nas redes de supermercados e bares do Estado.

As bananas são adquiridas num raio de até 200 quilômetros da sede da empresa localizada no Córrego do Macuco, zona rural de Colatina. Segundo Marcelo, a aceitação do produto deriva da pureza e da fórmula caseira de manipular o doce. Dois tachos industriais e uma caldeira foram financiados com linhas de crédito da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene).

“A previsão da sigatoka-negra afetar a produção de bananais preocupa, uma vez que fábrica consolida sua marca no mercado”, disse Bellumat. Há seis anos trabalhando na Doces Bellumat, Ercílio Gatti, 72 anos, responsável pela operação dos tachos, vê na ampliação da empresa a abertura de novas frentes de trabalho. O pico da produção da Bellumat se dá entre os meses de abril e setembro.